

Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Supremo Tribunal Federal
Registro nº 25/99, de 22/04/1999
DJU nº 72, de 16/04/1999, p.1

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Superior Tribunal de Justiça
Registro nº 37 – Portaria nº 1, de 26/10/1998
DJU de 05/11/1998, p.137 - Registro retificado
Portaria nº 9, de 14/06/1999 – DJ 22/06/1999



Codigo
Philippino
mdcciii

Importância da formação de leitores: reflexões sobre literatura, leitura e desenvolvimento

Gilda Carvalho*

Sumário

1. Introdução: de que leitor estamos falando? 2. Quanto custa um país que não lê? Algumas reflexões sobre o analfabetismo funcional. 3. Como formar o leitor que deseja formar-se leitor. 4. Entrelaçando caminhos: a potência da Literatura. Bibliografia.

Resumo

Este texto oferece uma reflexão sobre o processo de formação do leitor que, já alfabetizado e inserido em atividades profissionais e sociais, deseja dar continuidade à sua formação leitora. Apresenta para isso algumas questões relacionadas ao analfabetismo funcional e a práticas de formação de leitores, para, por fim, demonstrar a importância da Literatura como potencializadora destas ações.

Abstract

This text offers a reflection on the process of forming the reader who, already literate and engaged in professional and social activities, wishes to continue their reading development. To this end, it presents some issues related to functional literacy and practices for forming readers, ultimately demonstrating the importance of literature in enhancing these actions.

Palavras-chave: Formação de leitores. Alfabetismo Funcional. Literatura. Interdisciplinaridade.

Keywords: Reader formation. Functional literacy. Literature. Interdisciplinarity

* Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio. Diretora do Instituto Interdisciplinar de Leitura PUC-Rio. Coordenadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio.

Parecia muito pequeno o ideal de meu pai, naquele tempo, lá. A escola, onde me matriculou também na caixa escolar – para ter direito a uniforme e merenda – *devia me ensinar a ler, escrever e a fazer conta de cabeça*. O resto, dizia ele, é só ter gratidão, e isso se aprende copiando exemplos.

Bartolomeu Campos de Queirós¹ (grifo meu)

1. Introdução. De que leitor estamos falando?

Início este texto procurando delinear de qual tipo de leitor ele tratará. Nosso leitor está inserido em uma categoria que, considerada a escolaridade, já concluiu pelo menos o Ensino Médio, e, muitas vezes, mesmo que sem formação técnica ou superior, exerce atividade laboral, formal ou não.

Esse leitor, ainda, reconhece a necessidade de desenvolver habilidades leitoras para seu próprio crescimento social e profissional. Muitas vezes compreende “leitura” como erudição ou intelectualidade, desqualificando sua própria capacidade de ler as realidades que o cerca e de entender que há textos que também são lidos em outras linguagens e suportes – e que ele os lê.

É uma categoria que vislumbra a leitura também como uma ferramenta de inserção social e, por isso, busca espaços para partilhar suas experiências leitoras e também para aprender mais, seja sobre Literatura, seja sobre outros campos do conhecimento, seja sobre outras pessoas – ele compreende que a partilha do texto lido trabalha sua capacidade de colocar sua própria voz no mundo, aprimorando a autoestima e a participação social. Reconhece que a leitura agrega pessoas e ajuda no desenvolvimento de habilidades de expressão oral e escrita.

Atuando social e profissionalmente, realizando múltiplas atividades e assolados por uma avalanche informacional que demanda capacidade para realizar conexões cada vez mais rápidas, esse leitor facilmente se reconhece incapaz de compreender o mundo à nossa volta. Sabe que para responder a esses desafios, sem dúvida, é fundamental dominar o conhecimento que qualquer atividade requer. Mas, sabe, também, que precisa saber ler – ou interpretar de texto(s) – para que a resposta ofereça sentido para si mesmo e para os outros.

Antes, porém, de chegarmos à leitura como uma poderosa via de construção de sentido e transformação social, é preciso refletir sobre a formação de um leitor desde a infância até a sua inserção plena na sociedade e, por conseguinte, nas diferentes esferas sociais nas quais passará a atuar.

¹ Epígrafe extraída do livro "Ler, Escrever e Fazer Conta de Cabeça", de Bartolomeu Campos de Queirós, publicado pela Global Editora.

2. Quanto custa um país que não lê? Algumas reflexões sobre o analfabetismo funcional

Não é de hoje que pesquisadores da leitura se perguntam o custo de um país que não investe em formação de leitores. Esse custo está diretamente relacionado com o analfabetismo funcional, que, por sua vez, impacta o desenvolvimento econômico e social de uma nação.

Os primeiros estudos sobre o analfabetismo funcional surgiram nos Estados Unidos ainda durante a Primeira Grande Guerra, quando se buscou avaliar a capacidade dos soldados enviados aos fronts para ler e compreender instruções, mapas e estratégias determinadas para suas ações. Posteriormente, esses estudos foram ampliados para outros campos fora do escopo militar de modo a aferir a capacidade de leitura de adultos, sobretudo nos seus espaços de trabalho.

Os resultados de pesquisas realizadas nos anos iniciais do século XX nos Estados Unidos e na Inglaterra tornavam explícitos que o investimento incipiente dos países em uma Educação que considerasse seriamente tanto o processo de alfabetização quanto de formação de leitores, impactava diretamente em custos econômicos provocados pela falta de mão-de-obra qualificada.

Assim, em 1975, no Congresso Internacional de Persépolis, promovido pela UNESCO, no Irã, as questões sobre analfabetismo funcional tomaram vulto e ficando definidas em 2 correntes: uma relacionada apenas à formação de uma mão-de-obra qualificada para o trabalho e, a outra, de característica mais humanista, inspirada pelos ensinamentos de Paulo Freire, que vincula alfabetização ao trabalho, à ciência, à técnica, à participação popular e à cultura. Dessa forma, para ser considerado “alfabetizado”, ao indivíduo não basta assimilar o objeto de seu estudo ou trabalho, mas precisa fazer com que esse objeto dialogue com a sua realidade, estabelecendo com ela uma atitude crítica e reflexiva.

[...] dizer algo do processo em que me inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota de decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. *A leitura do mundo precede a leitura da palavra*, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha

adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo.²

No Brasil, o Indicador de Alfabetismo Funcional – INAF é medido por meio de uma pesquisa realizada pela ONG Ação Educativa e pela Consultoria Conhecimento Social. O último levantamento foi feito em 2018 e considerou 4 habilidades funcionais dos campos do letramento e do numeramento (ler, escrever e fazer operações matemáticas): localização, integração, elaboração e avaliação. Para cada uma delas, foram avaliados 5 níveis: analfabeto, rudimentar, elementar, intermediário e proficiente. Não cabe aqui estendermos a apresentação dos resultados³, mas alguns deles são necessários para compreendermos as demandas de um indivíduo que se reconhece leitor, mas percebe insuficiências em sua formação. Apenas 4 destaques para nossa reflexão:

- a. A pesquisa considera uma amostra da população brasileira entre 15 e 64 anos.
- b. Em 20 anos, o percentual de analfabetos funcionais no Brasil caiu de 30% para 20%. Porém o índice de analfabetos e proficientes permanecem praticamente os mesmos, indicando que não há transformações na Educação que garantam que um analfabeto se torne efetivamente um leitor proficiente.
- c. São considerados analfabetos funcionais: 8% da população brasileira, dos quais, apenas 3% chegam ao Ensino Médio.
- d. São considerados proficientes: 12% da população brasileira, dos quais 50% atingem a Graduação.

Voltando à pergunta que inicia esta seção (Quanto custa um país que não lê?), temos que não é difícil perceber a complexidade para medir custos que consideram desde a eficiência de um sistema educacional às características das atividades econômicas e sociais desenvolvidas por um determinado grupo populacional. Ainda que complexa metodológica e cientificamente, é uma pergunta que precisa de alguma forma ser respondida, pois que interfere diretamente com o desenvolvimento de um país e seus índices de qualidade de vida. E, ainda que não esteja satisfatoriamente respondida por pesquisadores de tantos países que se dedicam a ela, é possível minimizar seus efeitos.

No Brasil, especificamente, há inúmeros trabalhos que subvertem a ordem negativa do cálculo de um custo: há um país que vale porque está fazendo ler. São

² FREIRE, A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989. Grifo meu.

³ Os resultados completos, a metodologia, conclusões e recomendações da pesquisa podem ser encontrados no site www.analfabetismofuncional.org.br

inúmeros projetos e iniciativas em todos os rincões de um país enorme, é possível ver a atenção a essa deficiência que, suprida, poderá contribuir para novos parâmetros educacionais e melhoria do desenvolvimento social e econômico. E são, ainda, espaços para acolhimento de um leitor que busca continuar sua formação. Retornemos, pois, a ele...

3. Como formar o leitor que deseja formar-se leitor

Os leitores que percebem a necessidade de buscar a continuidade de suas formações têm em comum o sentimento de ser um leitor de “pouca qualidade” porque não gosta de autores ou temas rebuscados, ou porque só lê um determinado tipo de texto ou porque não gosta de um determinado gênero que acha importante gostar para que possa ser considerado um leitor. Muitos, ainda, se ressentem por não terem lido todos aqueles livros do cânone da Literatura, os Clássicos, os grandes autores...

Uma fala comum, porém, chama a atenção: “eu gostava de ler quando era criança, mas na escola tive um professor/uma professora que...”, explicitando a deficiência das escolas em formar leitores. Nada afasta mais da leitura que a obrigação de ler um texto para fazer uma prova, para responder perguntas do tipo “o que o autor quis dizer com o texto ou com isso ou aquilo...”. As gerações atuais têm a sorte de estar vivendo um momento de inserção de novas práticas de leitura nas escolas e encontram um ambiente propício para serem seduzidas pelas narrativas e ao texto. Adiante, com certeza, isso terá um efeito bastante positivo na redução dos índices de alfabetismo funcional, pois que, sendo um leitor autônomo, será capaz de realizar as habilidades requeridas na composição dos níveis de proficiência necessários.

Como fazer, então, para continuar a formar um leitor? A primeira coisa é fazer com que ele se (re)descubra leitor. Para isso, é essencial o trabalho com a memória, pois que ela tem em si a potência para costurar afetos, história e conhecimento. Enfrentamos todas mudanças sociais aceleradas e identidades que se transformam o tempo todo. Isso provoca sensações de insegurança e a memória passa a ser, então, o “lugar de pouso”, “o ninho”. Buscamos, nostalgicamente, situações e sentimentos que nos façam atribuir sentido a uma realidade dispersa e plural⁴. Por nos oferecer a *sensação de continuidade de quem somos*⁵, a memória passa a ser uma ferramenta poderosa nessa busca.

É, pois, um momento que se configura para alguns como descoberta, para outros como redescobertas, da potência que um texto tem em seus diversos suportes e linguagens. É o momento de “perder o medo” e de deixar de lado a aterrorizante pergunta “o que o autor quis dizer com isso?” e assumir sua transformação em outras três: “o que o texto diz?”, “o que o texto me diz?”, e, a mais importante, “o que o texto me faz dizer?”

⁴ Ver o texto “Memória: um passeio teórico” In: BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do olhar*: comunicação, narrativa e memória. Niterói: EdUFF, 2007. p. 39-52.

⁵ YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor*: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymar, 2009. p. 26.

É neste momento em que o leitor aqui citado reconhece que ele pode acionar suas lembranças e contar suas histórias. É aí que ele descobre dentro que de sua própria história de vida tantas outras histórias podem ser contadas, porque se cruzam, se entremeiam. É aí que ele descobre que viver é intrinsecamente ligado a narrar.

É importante lembrar que esse leitor está muitas vezes inserido em ambientes hostis ao artístico ou ao lúdico. Os espaços de trabalho – e de atuação social – são muitas vezes regidos por normas, procedimentos, direitos e deveres, metas a serem cumpridas e atingidas. Desde as primeiras observações que se tornaram o embrião das teorias da ciência da Administração de Empresas muito se caminhou para retirar (ou disfarçar?) do ambiente empresarial o mecanicismo do início do século XX. Hoje, conhecemos ambientes de trabalho amigáveis, em que se estimula a personalização e o compartilhamento de ideias. Muitas dessas inovações nada mais são que a fantasia de um “lugar perfeito para o trabalho”, haja vista as infindáveis listas de “melhores empresas para se trabalhar”. Na essência, o vínculo trabalhista nada mais é que a regulamentação de uma relação que exige a realização de um trabalho pago por uma determinada remuneração: atingiu o esperado, o empregado é mantido; não atingiu, é descartado. Estamos imersos no capitalismo e empresas não são feitas para a filantropia. Esta é a lógica de nossa sociedade e em espaços permeados por uma realidade essencialmente opressora, embora às vezes disfarçada, o encontro com a Literatura cumpre o papel de um sopro, uma brisa, tal como nos fala Roland Barthes, citado por Antoine Compagnon em seu *Literatura para quê?* “[A] literatura não permite andar, mas permite respirar”⁶.

4. Entrelaçando caminhos: a potência da Literatura

O texto já citado de Antoine Compagnon é fértil para essa reflexão e, com ele, início a costura deste:

Doravante a leitura deve ser justificada. Não somente a leitura corrente, do leitor, do homem de bem, mas também a leitura erudita, do letrado, *do/da profissional*. A Universidade conhece um momento de hesitação com relação às virtudes da educação generalista, acusada de conduzir ao desemprego e que tem sofrido a concorrência das formações profissionalizantes, pois estas têm a reputação de melhor preparar para o trabalho. Tanto é que a iniciação à língua literária e à cultura humanista, menos rentável a curto prazo, parece vulnerável na escola e na sociedade do amanhã.⁷

⁶ COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 41.

⁷ COMPAGNON, *op. cit.*, p. 23. Grifo nosso.

Aqueles que ousam buscar a continuidade de sua formação leitora se permitem fazer uma viagem para dentro de si mesmos e a compartilham com outros; reencontram-se com histórias lidas e que talvez não tivessem percebido o que já haviam provocado em suas vidas. Histórias que ultrapassam o “era uma vez...” e falam da vida real. Assim, quem permanece nesse processo, (re)descobre-se leitor da vida e do mundo – e, lidos os dois, forma-se um leitor de Literatura, apto para dar outros passos na leitura de outros tipos de textos. Começa, portanto, a ultrapassar as barreiras que precisa superar para conquistar o nível de proficiência em uma avaliação de alfabetismo funcional.

Do destaque feito na citação de Compagnon, surge a pergunta: o que aquele leitor, que ousa entrar (ou aprofundar) o mundo da Literatura realmente conquista com isso? “Qual é a pertinência [...] da literatura para a vida? Qual a sua força, não somente de prazer, mas também de conhecimento, não somente de evasão, mas também de ação?”⁸.

Quando busca a inserção em um espaço que possa oferecer continuidade à sua formação, o leitor encontra atividades que variam desde cursos, rodas ou clubes de leitura, círculos de leitura, enfim, ações que valorizam o compartilhamento de sua leitura com outras pessoas, regido por uma dinâmica previamente preparada para provocar o encontro com o texto e identificação da narrativa com a vida.

O que ocorre, portanto, é um processo de estabelecimento de um espaço de confiança mútua. Faz parte deste processo a partilha e a escuta das memórias individuais. E, como consequência desse diálogo, estabelece-se o reconhecimento do outro como alguém que também possui suas memórias e suas histórias. Entrelaçar esse processo com a literatura faz descobrir a potência dela como local de reunião de saberes insubstituíveis e próprios da natureza humana.

A literatura deve, portanto, ser lida e estudada porque oferece um meio – alguns dirão até mesmo o único – de preservar e transmitir a experiência dos outros, aqueles que estão distantes de nós no espaço e no tempo, ou que diferem de nós por suas condições de vida. Ela nos torna sensíveis ao fato de que os outros são muito diversos e que seus valores se distanciam dos nossos.⁹

Abrir-se – à sensibilidade e ao outro – é a porta de entrada para a compreensão do mundo onde nos inserimos: o mundo pessoal, o social e o do trabalho, onde passamos grande parte de nossas vidas e, possivelmente, onde são despertadas questões que estarão presentes em nossos dias por muito tempo: realização, prazer, sofrimento, amizade, sucesso, opressão, estima, respeito... e outras tantas que também são discutidas e enfrentadas por inúmeros personagens escritos nos livros afora.

⁸ *Ibid.*, p. 24.

⁹ *Ibid.*, p. 47.

“Todas as formas de narração [...] falam-nos da vida humana”¹⁰. Ler a Literatura, o Cinema, as Artes Plásticas, nos ensina a sentir, a reconhecer que os sentidos são ilimitados e que o que está no mundo afeta uma vida que precisa se colocar nele para que possa ser singular. Da identificação entre os conflitos que vive e os que vivem os personagens das narrativas, o leitor em formação ganha voz e consegue se dizer. Consegue interagir com outras linguagens e tipos de textos. Consegue elaborar seu próprio pensamento e discernir. Além de andar, consegue voar e carregar consigo a perspectiva de um novo modelo de inserção cidadã e, por conseguinte, de país.

Bibliografia

BARBOSA, Marialva Carlos. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2009.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba. Aymarará. 2009.

¹⁰ *Ibid.*, p. 52.